

Charles Lancelin

**Como se Morre
Como se Nasce**



CHARLES LANCELIN
COMO SE MORRE - COMO SE NASCE

Lançamento original:

Charles Lancelin - Comment on meurt, Coment on nait.

Les deux pôles de la vie.

Hector & Durville, Editeurs.

23, Rue Saint Merri, 42

Paris – 1912

Tradução: Francisco Klors Werneck

Revisão da Tradução: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada

© 2022

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita
Autores Espíritas Clássicos



Charles Lancelin

***COMO SE MORRE - COMO SE NASCE
(OS DOIS POLOS DA VIDA)***

Hector & Durville, Editores.

*PARIS
(1912)*



CHARLES LANCELIN
(1852 - 1941)

Marie Charles Eugène Lancelin nasceu em 1852 em Dreux, Eure-et-Loir, na França, e desde criança se voltou-se para os fenômenos espíritas através da leitura "O Livro dos Espíritos" que foi Codificado por Allan Kardec no ano de 1857.

Homem de letras esteve envolvido com a dramaturgia na criação de peças de teatrais. Pertenceu a renomada Société des Auteurs et Compositeurs Dramatiques (France).

Uma mente brilhante e curiosa, ele olha rapidamente para eventos dos fenômenos espíritas e se torna um discípulo do Cel. Albert de Rochas, e, portanto, se ocupou no estudo do sonambulismo, magnetismo animal e regressão da memória. Utilizando os conselhos do médico Gérard Anacleto Vincent Encausse Papus juntamente com o Doutor Hippolyte Baraduc (o fotógrafo do invisível).

A partir do ano de 1911 esteve a frente como redator chefe da revista Le Monde Psychiques que era uma publicação mensal do Institut de Recherches Psychiques de France e tinha como Presidente honorário o Cel. Albert de Rochas. A Le Monde Psychiques era um revista de estudos experimentais dos fenômenos espíritas. Aonde se pesquisavam diversos temas com conexão ao Espiritismo tais como: Hipnotismo, Magnetismo e os Fenômenos espíritas, Reencarnação, Sobrevivência da alma etc.

Um homem descrito como consciente e metódico, Charles Lancelin, explora todas as quimeras destes encontros da vida após a morte.

Charles Lancelin realiza uma coleta de dados com médiuns em transe usando a regressão de memória. Aonde se desdobravam aos seus olhos a reencarnação como uma lei natural.

As pesquisas de Charles Lancelin começam pela morte, porque aceita, como todos nós, que a morte é o início ou reinício de uma nova vida. Demonstra que o espiritual suplanta o material e comprovam que a reencarnação e a imortalidade da alma não são

dogmas de fé, mais sim, verdades naturais.

Alguns autores descrevem Charles Lancelin como um dos maiores experimentadores no campo do magnetismo animal, ao lado de Charles Lafontaine, Baron du Potet, Cel. Albert de Rochas e Hector Durville etc.

Lancelin morre no ano de 1941 e foi coroado com uma vida de descobertas e estudos sobre além-túmulo.

Títulos de obras publicadas:

L'Humanité Posthume et le Monde Angélique (1903), La Fraude dans la Production des Phénomènes Médiumniques (1912), Comment on Meurt, comment on Naît (1912), Méthode de Dédoublement Personnel (1912), Introduction à quelques Points de l'Occultisme Expérimental (1912), L'Au-delà et ses Problèmes (1914), L'Evocation des Morts (1920), L'Ame Humaine (1921), Les Cinq Dernières Vies antérieures (1922), L'Occultisme et la Vie (1928).

Charles Lancelin morreu no ano de 1941 na rue Notre Dame des Champs, 93, Paris, França.

Os tradutores

Sumário

I – Como morremos – *pág. 08*

II – Como se morre – *pág. 18*

III – Como se nasce – *pág. 31*



I

Como morremos (O lado físico da morte)

Como se morre?

Para esta pergunta cada um tem a sua resposta já pronta, mais ou menos científica, mais ou menos exata, segundo o ponto de vista em que se coloca.

O fisiologista dirá: pela sufocação; o espiritualista: pela ruptura entre o corpo e o espírito; o materialista: pela destruição e desagregação das células; o higienista: pela ignorância; o fatalista: pelo destino; o padre: pela vontade de Deus, etc.

Todas estas respostas só são verdadeiras se as consideramos do ponto de vista particular de cada um dos que a respondem; mas parece que, em um ponto de vista geral, há um estudo especial a fazer do mecanismo da morte: é o que vou tentar fazer aqui.

O Espiritismo divide o ser em três princípios corpo, espírito e perispírito; já o Ocultismo, tanto o oriental como o ocidental, o

divide, segundo as escolas, em cinco, seta e nove elementos, diante da quantidade dos quais o neófito se sente um pouco atrapalhado.

Pela minha parte, a princípio, dei minha preferência ao ensino espírita que, pelo menos, apresenta uma simplicidade e uma clareza que logo seduzem: corpo físico, espírito e intermediário plástico, mas, de uma parte, já há um certo tempo, espíritas esclarecidos foram levados a admitir a divisão do corpo material em sarcosoma (*) ou corpo material propriamente dito e em duplo etéreo. De outra parte, pareceu-me que o perispírito, intermediário plástico ou sarcosoma, é infinitamente mais complexo do que se pensa, por conseqüência, o ensino ocultista da divisão em nove princípios me pareceu aproximar-se mais da realidade e deve ser aceito de preferência a qualquer outro.

()Este termo "sarcosoma", que não encontramos no nosso dicionário de português, é dado por Lancelin ao corpo físico, em oposição a "aerosoma" ou perispírito. Vem do grego sarkos, carne, e soma, que convém ao corpo. (Nota do tradutor.)*

A experiência, porém, é que poderia dar-me alguma certeza sobre o assunto. Ora, um estudo aprofundado do fantasma dos vivos, empreendido com atenção nestes dois últimos anos, me demonstrou, à evidência, que o ser é constituído pelos seguintes princípios:

Corpo material;

Duplo etéreo (constituindo o fantasma aproximadamente do corpo físico);

Corpo astral;

Corpo mental;

Corpo causal e princípios superiores do ser, ainda não abordados pela experiência. (constituindo o fantasma afastado do corpo físico)

O corpo material não tomará o nosso tempo, pois todo o mundo já o conhece.

O duplo etéreo, depositário da vida física, dotado da forma humana,

pois que é de qualquer forma a capa do sarcosoma, constitui o apoio do fantasma que evolui junto ao corpo físico, do qual não se afasta nunca e no qual reentra desde que os elementos superiores dele se afastem.

O corpo astral, depositário da sensibilidade (força nêurica), constitui o apoio fluídico do fantasma que evolui longe do corpo físico, possuindo geralmente a forma humana. (*)

(*) *Méthode de dédoublement personnel, fort. vol. 1 in-8. prix: 10 fr. Durville: Le fantôme des vivants. prix: 5 fr. (MM Hector et Henri Durville, éditeurs).*

O corpo mental, depositário da inteligência, não possui nenhuma forma própria; é uma aura que envolve e penetra o corpo físico e que é particularmente brilhante nas regiões imediatas do cérebro.

O corpo causal não foi senão simplesmente entrevisto por pessoas magnetizadas, postas em estado de vidência, sob a forma de uma aura muito leve formando uma espécie de chama, cuja extremidade superior é cercada de um halo assaz brilhante. Ele parece ser a sede das faculdades intelectuais mais elevadas: vontade, memória, etc., mas não se pôde ainda nem isolá-lo, para se estudá-lo à parte, nem fotografá-lo.

Quanto aos elementos superiores do ser, certo é que eles existem, pois as diversas escolas ocultistas e, em particular, a Teosofia dão, no que lhes diz respeito, os mais variados detalhes, mas não quero, neste estudo, afastar-me da base precisa e segura que nos oferece a experimentação, pelo que ater-me-ei aos elementos precedentes dos quais venho de fazer rápida análise.

Ora, que papel desempenham todos esses diversos elementos na desagregação do ser?

Não falo aqui nem da morte súbita ou violenta que aniquila bruscamente a vida material, nem da cujos processos é muito rápido para permitir um estudo seguido de fenômenos. Tomarei, para exemplo, a morte produzida por um enfraquecimento geral devido à

velhice ou por uma enfermidade bem longa, o que constitui, em suma, a morte natural.

O médico murmura, afastando-se, ao ouvido do parente mais próximo: "Nada mais posso fazer; é uma questão de horas. Esperai, pois, o desenlace de um momento para outro."

O enfermo repousa, sem forças, em seu leito. Ele pronuncia, de tempos em tempos, algumas frases soltas que só podem ser percebidas por um ouvido atento. Sua respiração é lenta e opressa, seu olhar vago, seus gestos indecisos.

Algumas palavras entrecortadas, piedosamente ouvidas, lhe escapam do lábios, é uma recordação da infância que parece reviver e cada um lhe busca em vão a causa. Depois, são outras lembranças que reaparecem, a maior parte esquecida ou desconhecida dos presentes porque o moribundo nunca lhes falou delas. Porque, a que propósito, essas recordações ressurgem do esquecimento? Subitamente, uma dessas recordações lembra ao enfermo uma intenção que teve outrora e que não executou. Nesse momento supremo, ele vê a necessidade de realizá-la e faz a esse respeito uma recomendação... Que se passa?

O corpo causal sai pouco a pouco, lentamente, progressivamente, do moribundo. Detentor da memória, ele repassa todo o tempo decorrido desde os anos mais remotos, faz renascer no cérebro o vestígio dos mais afastados acontecimentos, mesmo os mais fúteis, ou, numa palavra: ele passa, em revista, sua vida inteira e revê a vida que vai findar. Nesse período, como no do sono, o tempo não tem valor e vivem-se anos, dia a dia, em poucos minutos. A vontade ainda existe e é ela que assinala os últimos desejos, que ordena as recomendações supremas; é ela que fazia Sócrates dizer, ao expirar; "Não nos esqueçamos de que devemos o sacrifício de um galo a Esculápio."

O moribundo experimenta, porém, um espasmo e se cala... O corpo causal acaba de retirar-se, levando consigo a memória e a vontade.

A partir desse momento, o agonizante fala ainda, mas as suas palavras não são mais coordenadas pelas faculdades da inteligência, agora ausentes; elas não são mais motivadas. O corpo mental ainda está aí, pois ele emite sempre idéias, mas a essas falta ligação já que as faculdades superiores do ser não mais existem para coordená-las. O moribundo fala unicamente do que lhe fere os sentidos, seja realidade, seja alucinação; mistura tudo e faz associações de idéias que, em outras circunstâncias, provocariam o riso.

A título de exemplo, citarei um caso de que fui testemunha: um enfermo, prefeito da comuna, ia entrar em agonia quando lhe disseram que o seu adjunto viera pedir notícias de seu estado. Ele perguntou então, procurando olhar o relógio, que horas eram e, quando lhe responderam, indagou porque todos os seus conselheiros municipais estavam dependurados atrás do relógio. Nesse momento, deu-se nele uma associação mecânica de idéias disparatadas, encaixada numa alucinação.

O corpo mental, gerador dos pensamentos, ainda os emite, mas a esses faltam, então, direção e coordenação. Como se diz vulgarmente, o moribundo disparata. As próprias idéias se enfraquecem, sua produção se espaça e o doente guarda longos silêncios... É o corpo mental que se exterioriza por sua vez e, quando ele tiver deixado completamente o agonizante, esse ainda poderá falar, mas de modo automático. Pronunciará algumas palavras soltas cujo sentido lhe escapa, sob a influência única de um cérebro que funciona mecanicamente sem mais ser dirigido pelo corpo mental.

Começa então a agonia.

O corpo astral, sede da sensibilidade, se exterioriza por sua vez, o influxo nervoso se torna mais lento e, em conseqüência, todos os

sentidos se obliteram, se entorpecem e desaparecem sucessivamente; o olhar se apaga, os ouvidos deixam de perceber os sons, as sensações táteis não se produzem mais: a morte está próxima. As palavras proferidas durante esse período só constituem sons vagos de sílabas sem qualquer sentido: o corpo astral acaba de retirar-se do moribundo, cujo sarcosoma só fica animado pelo seu duplo etéreo, detentor da vida física, que o fantasma exteriorizado procura arrastar atrás de si.

Esse, por sua vez, se evade progressivamente: o coração, privado de impulsão e regulação, não bate senão irregularmente; os músculos torácicos não têm mais força para agir e os pulmões só aspiram muito pouco ar por aspiração fraca e compassada; as extremidades se esfriam e esse esfriamento se estende, ganha pouco a pouco os centros vitais. O duplo etéreo finalmente evadiu-se e vai juntar-se às outras partes do fantasma já exteriorizadas.

Produz-se então, muito geralmente, um fenômeno particular. O agonizante faz certos gestos que parecem puramente instintivos e mecânicos, cuja razão escapa aos assistentes e cujo conjunto é conhecido sob o nome de carfologia. Ele move as mãos diante do peito. Que significa esse gesto? Algumas pessoas pensam que ele tem frio e querem cobri-lo, outras vêem nisso o resultado de uma opressão intensa; todas acham aí o indício de certo sofrimento...

Na minha opinião, é preciso procurar a causa e a origem desse movimento automático.

O agonizante sofre, mas de um sofrimento de que não tem consciência: ele quer libertar-se... Qual o motivo dessa dor?

Sabemos, por nossas experiências sobre o fantasma dos vivos, que esse está sempre ligado ao corpo físico por um laço fluídico que tem o seu ponto de ligação no lado esquerdo do peito. É esse laço que, por um movimento reflexo, quer o moribundo romper para se ver mais

depressa liberto da matéria.

Um outro fenômeno, de uma natureza especial, se passa finalmente, com muita freqüência, nesse instante.

Vimos, mais acima, que o duplo etéreo só faz parte do fantasma quando esse fantasma evolui nas regiões imediatas do corpo físico. Desde que o fantasma dele se afasta, o duplo etéreo, conservador das vida física, reintegra a sua prisão de carne. Parece que se passa então algo de semelhante, mas com uma modificação especial.

Pode-se pensar, vendo o fantasma que se afasta definitivamente do corpo material para não mais voltar, que o duplo etéreo, que recebe do sarcosoma elementos semimateriais sem os quais não pode ter existência, sente o seu instinto próprio revoltar-se contra o seu próximo desaparecimento. Ele reintegra, então, o sarcosoma, segundo o mecanismo que lhe é habitual, (*) mas fazendo enérgico esforço para aí reter o resto do fantasma. Isso consegue, às vezes, por alguns segundos, e daí vem que alguns moribundos, no momento de expirar, parecem despertar e pronunciam, distintamente, algumas palavras sensatas. É o que vulgarmente se chama o "melhor do fim".

() O desdobramento do vivo, ainda que mal conhecido, é um fenômeno muito comum entre nós. Muitas distrações, ausências, sonhos, são resultados dele. Sobre o assunto recomendo o meu Méthode de dédoublement personnel e a obra de Hector Durville: Le fantôme des vivants, já citados.*

Esse, porém, é o último esforço do duplo etéreo e logo o fantasma se retira de novo, e, dessa vez para todo o sempre, do que agora só é um cadáver.

Deve-se então dizer, desde esse momento, que a morte é completa? Longe disso! O fantasma está unido ao seu antigo corpo, onde continua a viver o duplo etéreo, por um laço fluídico cuja força diminui a cada instante, isto é, à medida que morrem as células que compõem o corpo, à proporção que os elementos deles se desagregam, à medida também, que em seguida e como

conseqüência, se enfraquece o duplo etéreo.

Depois da morte aparente, oficial, a vida subsiste ainda, mais de modo latente, sem coesão e como que individualizada entre todas as células que morrem, por sua vez, umas após outras. O corpo etéreo se dissolve progressivamente no éter e, quando morre por sua vez, ao cabo de alguns dias, o laço fluídico já se rompeu e o fantasma, então liberto, se afasta definitivamente para os seus destinos póstumos. (*)

(1) Os antigos estavam bem familiarizados com esses dados que resultaram para eles do ensinamento místico. Entre os latinos, por exemplo, corpus era, como entre nós, o corpo físico; - ombra que morava perto do túmulo, era nosso duplo etérico preso ao corpo, depois ao cadáver, e morrendo depois dele; - imago, o fantasma, era o corpo astral, mostrando-se em certos casos semimaterializado; - manes, onde acreditávamos encontrar a raiz de manere (existir, permanecer, subsistir), mas onde é muito melhor ver a transcrição latina do sânscrito manas, os manes que vivem no Tártaro ou no Champse Elysées, eram o corpo mental e os princípios superiores do ser, os manas das antigas filosofias hindus, bases dos princípios superiores; e, finalmente, spiritus era, quanto a nós, o espírito que paira sobre todos esses vários elementos.

Vê-se, pois, que o mecanismo da morte é o de um verdadeiro e múltiplo parto, desde a moléstia, que se assemelha aos pródromas dolorosos da parturição, até à secção do laço fluídico, que torna a morte perfeita como a secção do cordão umbilical dá vida própria ao recém-nascido.

Do mesmo modo que a mãe que dá à luz está cercada de pessoas amigas, nesse momento crítico, da mesma forma o fantasma, que nasce para a vida superior, encontra em torno de si, no Além, espíritos afins e protetores para trazer-lhe socorro nesse instante de angústia e permitir-lhe assim desembaraçar-se mais facilmente da matéria. Eis um importantíssimo assunto de discussão que abordarei mais adiante, quando tratar do lado astral da morte. Não quero estudar, aqui, senão o mecanismo puro e simples da morte, tal qual

parece funcionar no corpo físico, isto é, deste lado do véu.

Desde o momento, tirei uma dupla conclusão do estudo que fizemos.

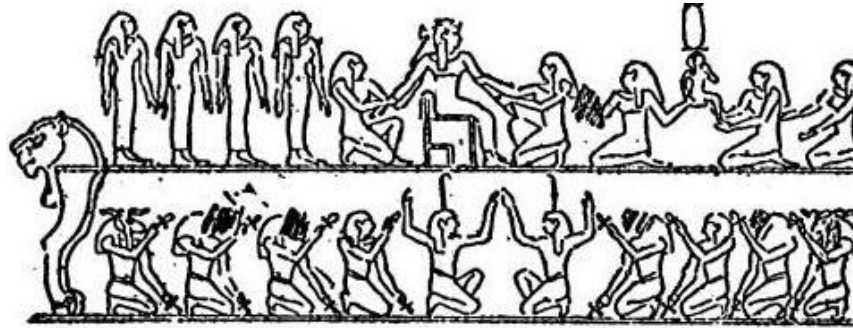
A primeira é que a cremação, que, à primeira vista, parece um progresso, deve ser, na realidade, considerada como uma volta para trás no caminho da civilização ideal. A natureza faz com perfeição a sua obra. Dissociando progressivamente os elementos constitutivos do que foi um corpo vivo, ela permite ao espírito propriamente dito libertar-se lentamente e com facilidade e ao duplo etéreo dissolver-se no éter, onde volvem os seus elementos, pouco a pouco, com o mínimo sofrimento. Ao contrário, a cremação é um ato de violência, que, dissolvendo instantaneamente o corpo físico, inflinge uma dor atroz, ao mesmo tempo, ao fantasma, cujo apoio, o corpo astral, depositário da sensibilidade na vida, está ainda carregado de força nêurica e sente romper brutalmente o laço fluídico que o liga ao cadáver, e ao duplo etéreo que, ainda depositário do que subsiste da vida física, deve experimentar uma tortura indizível ao sentir-se desagregado, ao mesmo tempo em que o próprio cadáver, pela chama devoradora.

O mesmo vale para o embalsamamento, que retém o duplo etérico aos restos do corpo físico; se antigamente os egípcios embalsamavam seus mortos, era justamente para esse fim e que alcançaram por meio de técnicas que não conhecemos atualmente. (*).

(*). *La réincarnation du Dr. Encause, 1 vol. In-12, Paris, 1912.*

A segunda conclusão é esta: a morte constitui apenas um desdobramento definitivo em vez de um desdobramento temporário. Ora, sendo o desdobramento um fenômeno muito comum, sem que dele se possa duvidar, espero que o homem que estudou a teoria desse fenômeno, que sobretudo o experimentou subjetivamente,

que, numa palavra, conhece o mecanismo do desdobramento, este, quando a sua última hora soar, saberá, melhor e mais facilmente do que qualquer outro, e sobretudo com menos sofrimento, desembaraçar-se dos laços terrestres e libertar dos laços da matéria a parte superior e imortal do seu ser.



LA NAISSANCE D'AMÉNOPHIS III

(En bas, au centre, deux personnages décrivant le geste du ka)

II

Como se morre

Lado astral da morte

Estudei, precedentemente, o mecanismo ordinário da morte, do ponto de vista do plano físico, e comparei-a a um parto múltiplo no qual a enfermidade representa as dores do parto. Vou agora procurar descrever o que se passa, em semelhante ocasião, no plano astral. Não escondo que o terreno em que piso parece, ao primeiro relance, muito menos sólido do que o anterior, mas, como possuímos certos dados muito sérios, resultados, quer de experiências magnéticas realizadas, quer de princípios demonstrados da Psicologia, vou tentar demonstrar a realidade da coisa. É desejo meu não utilizar-me dos dados da filosofia ocultista ou espírita senão quando esses dados tiverem sido confirmados, antes, pela experimentação.

A comparação de um parto múltiplo que fiz, no ponto de vista do

plano físico, vai prosseguir no plano astral.

Do mesmo modo que na Terra a mulher, em trabalho de parto, tem junto de si o cirurgião, a parteira, o marido, a mãe, para suavizar-lhe esses momentos dolorosos, assim não se deve crer que o ser que renasce para a vida superior não seja assistido por entes queridos que lhe trazem auxílio e conforto.

O belíssimo ensino, ainda que ligeiramente deformado, do Catolicismo a respeito do anjo da guarda repousa no fundo de uma inegável verdade. Sabemos que a cada um de nós estão ligadas entidades espirituais que têm por missão guiar-nos, fazer-nos progredir no caminho do bem que nos deve conduzir aos planos superiores do Universo. A prova objetiva disto está em que possuímos uma consciência e que, após o mal, experimentamos remorsos. Se assim não fosse, dever-se-ia perguntar de onde vem a voz de nossa consciência tantas vezes, ai de nós, em oposição a atos nossos, refletidos e praticados, indagar-se-ia quem cria os nossos remorsos, que, como toda a evidência, têm uma causa exterior. A consciência e os remorsos são, pois, fatos provando, inegavelmente, a existência, em torno de nós, de entidades superiores que nos guiam e nos confortam nas misérias da vida.

Isto admitido, é lógico, é possível pensar que somos abandonados por esses auxiliares invisíveis no momento mesmo da prova mais dolorosa qual seja a em que vamos deixar aqueles que amamos, abandonando-os ao sabor da sorte da miséria, do mal? Seríamos loucos em pensar tal coisa! Ao contrário, essas entidades amigas, no momento supremo, se comprimem ao redor de nós para facilitarem a nossa tarefa, para nos tornarem menos terríveis a dor moral da separação e a dor física da morte.

Todas as escolas ocultistas estão de acordo a este respeito e a existência, nesta vida, da consciência e dos remorsos, nos mostra que

o seu ensino repousa em bases sérias.

Vimos, em nosso precedente estudo, que a morte é constituída pelo desprendimento sucessivo:

- 1.º dos princípios superiores do ser, levados consigo pelo corpo causal, detentor da memória e da vontade;
- 2.º do corpo mental, depositário da inteligência;
- 3.º do corpo astral, detentor da sensibilidade, formado, na sua parte mais próxima da materialidade, pela força-substância nêurica;
- 4.º do duplo etéreo, detentor da vida física, ligado intimamente ao corpo material e ao corpo astral.

Vimos ainda que esses elementos se desprendem pouco a pouco e sucessivamente do moribundo. Que se passa então no plano astral?

Para explicá-lo e descrevê-lo, não vá o leitor pensar que me lançarei no domínio da fantasia e darei livre curso à imaginação. Longe disto! Apoiar-me-ei em experiências seriamente conduzidas, cujos resultados podem ser olhados como absolutamente verdadeiros.

No que diz respeito á vida póstuma, não estamos desprovidos de documentos científicos obtidos na prática do magnetismo, principalmente pelo processo dito de regressão da memória.

Darei apenas um exemplo que demonstrará tudo o que se pode tirar desta fonte.

No Congresso Espírita de 1900, o Sr. José Fernandez Colavida, de Barcelona, Espanha, fez uma comunicação a respeito da qual extraio a parte mais importante:

"O médium foi profundamente adormecido por meio de passes magnéticos e se lhe ordenou dizer o que fizera na véspera, na antevéspera, numa semana, num mês, num ano antes e sucessivamente fê-lo remontar à sua infância, que fez explicar em todos os seus detalhes. Sempre impellido pela mesma vontade, o médium contou a sua vida no Espaço, a morte na sua última

encarnação e, continuamente impelido pelo magnetizador, chegou até a quatro encarnações anteriores, a mais antiga das quais era uma existência inteiramente selvagem. Em cada existência, os traços do médium mudavam de expressão. Para retornar ao seu estado habitual, foi preciso fazê-lo voltar à sua presente existência, depois do que foi acordado. Algum tempo após, de improviso, com o fim de comprovação, o experimentador fez magnetizar o mesmo indivíduo por outra pessoa, que lhe sugeriu que as suas precedentes narrações eram imaginárias. Apesar dessa sugestão, o médium reproduziu a série das quatro existências anteriores; como antes fizera. O despertar das recordações e o seu encadeamento foram idênticos aos resultados obtidos na primeira experiência."

O Coronel Albert de Rochas e outros, depois dele, fizeram experiências semelhantes e, em consequência, não estamos desprovidos de documentação.

O fantasma se forma, progressivamente, à esquerda (pelo menos de modo geral, a julgar-se segundo os fatos de desdobramento experimental) do moribundo.

Os corpos causal e mental, exteriorizados os primeiros, não têm, no começo do fenômeno, outra perturbação que a que lhe causa a dor do corpo físico. Acontece-lhe muitas vezes, com efeito, sair desse corpo (sono profundo, sonhos, etc.) e isto lhe parece coisa natural. Ele crê num sono do sarcosoma e não se apercebe do que se passa. Vê ao redor de si entidades amigas que vieram socorrê-lo, mas não sabe o que pensar: tudo o que se passa lhe parece um desses sonhos aos quais já está habituado. Eis, porém, que se lhes ajunta o corpo astral, todo dolorido pela enfermidade e que, com o seu papel de detentor da sensibilidade, devia ligá-lo ao sarcosoma.

Nesse momento, uma perturbação enorme o invade e o espírito, que paira acima de todos esses diversos elementos, fica como que

confuso, o espanto o domina e ele fere cega e desesperadamente o infinito que começa a se lhe revelar; uma angústia espantosa o oprime e ele não tem a lucidez precisa para analisar o que lhe sucede. Ele está desorientado, atônito, como que mergulhado em um terrível pesadelo. As entidades amigas então se aproximam da pobre alma errante e aterrada, a cercam com o seu amor, a sustentam com o seu conforto e buscam levá-la à compreensão do que se passa.

O espírito, porém, continua preso de louca angústia. O que se passa lhe parece impossível, monstruoso: ele não pode acreditar que tudo acabou; sente que ainda está unido, por um laço fluídico, ao seu sarcosoma em dissolução e ele quer, sim, ele quer animá-lo.

Nesse momento, os últimos restos do corpo astral se desprendem, voltam a se ajuntar ao fantasma e levam-lhe o supremo pensamento do moribundo, o qual determina a afinidade que possuirá a entidade humana logo depois da morte.

O desejo, com efeito, é a base do ser. Ora, o desejo mais intenso, que se manifestou antes da morte, determina o sentido da impulsão dada a essa parte do ser humano. O moribundo está animado de um grande desejo de felicidade, espera o céu prometido pela sua religião e está certo de atingi-lo. A tendência do ser é de ser levado para o Alto, mas sua elevação espiritual é que determinará se irá para o plano superior ou inferior. No primeiro caso, a afinidade o levará para o amor e a síntese e, no segundo caso, para o ódio e a perturbação. (*)

(*) *L'Etat de trouble, par Papus. Une brochure in-12, Paris, 1894.*

É evidente, porém, que essa afinidade só subsiste nos primeiros tempos: é, de qualquer forma, um resto da vida terrena e, com o tempo, quando o espírito tiver alcançado a plenitude da posse de si mesmo, ele refletirá e se desligará dessa afinidade por assim dizer instintiva.

O fantasma está então quase completamente constituído fora do moribundo: só falta o duplo etéreo, depositário da vida física, o qual, por sua vez, se exterioriza.

Vimos, nas páginas precedentes, que o duplo etéreo, quando o seu instinto lhe faz pressentir que ele vai abandonar para sempre esse corpo agonizante sem o qual não pode viver, tem um momento de espanto e, por um enérgico esforço, procura atrair ao corpo inerte, para animá-lo ainda, os elementos superiores do ser que despertam, às vezes, no moribundo, no momento supremo, um instante de razão. Quando esse fato se produz, e ele é bastante freqüente, é nesse momento que se gera o monodeísmo que vai produzir essa afinidade póstuma que deve durar e prolongar-se certo tempo depois da morte.

Se um avarento pensa em seu tesouro, é junto desse tesouro que permanecerá o seu fantasma e, por pouco que seja, mais tarde, se encontrar, no duplo etéreo de um sensitivo qualquer, a força-substância, que possa assimilar para se materializar, se tornará "a alma guardiã de um tesouro" das lendas.

Se viveu toda a sua vida no egoísmo mais absoluto, não experimentará, no seu instante supremo, senão pesares por si mesmo, pesares que o perseguirão no Além e lhe impedirão todo o progresso, tanto menos quanto menos dele se desembaraçar.

Ao contrário, se o seu último pensamento for um ato de altruísmo, a dor de abandonar os que ama na Terra ficará perto deles até os seus desencarnes e, nesses momentos, os auxiliará como ele próprio foi auxiliado na sua hora extrema por aqueles que o amaram e que as saudades o conservaram junto de si.

Mas esse apelo enérgico aos princípios superiores do ser só se produz por alguns instantes e logo o organismo do moribundo deixa de funcionar, a morte física se produziu.

Que fazem então os diversos elementos que compõem o fantasma?

Sabemos pelas experiências do Coronel Albert de Rochas e Hector Durville (*) que o corpo astral, fundamento e apoio dos princípios superiores do ser, está unido ao duplo etéreo por um laço fluídico quase infinitamente extensível, embora esse não possa afastar-se senão alguns metros do sarcosoma ao qual o retém outro laço fluídico bem pouco elástico. Pode-se então representar o ser humano, no momento da morte, como um balão cativo (corpo astral e elementos superiores) retido por um comprido massame ao seu cabrestante (duplo etéreo) que está fixo a um suporte de pranchas apodrecidos (corpo físico) Esta comparação me parece tanto mais exata porque o corpo astral, durante as experiências com os fantasmas dos vivos, tem sempre tendência a deixar a Terra em que se sente aprisionado, o que dá certo trabalho para fazê-lo voltar ao corpo físico.

() Voir le remarquable ouvrage de M. Hector Durville: Le Fantôme des Vivants, Anatomie et Physiologie de l'Ame, Dédoublément expérimental des corps de l'Homme, avec 42 ligures. Prix 5 fr. (MM. Hector et Henri Durville, éditeurs, 23, rue Saint-Merri, Paris).*

Estudando em 1887, com a sensitiva Srta. Lux, a separação do corpo astral e do duplo etéreo, o Coronel de Rochas notou, por diversas vezes, que o primeiro, antes de atingir uma região de beatitude, tinha de atravessar uma zona que o aterrava, na qual monstros horríveis tentavam retê-lo. Ora, a maior parte das religiões ensina que, por ocasião da morte, os seres devotados ao mal disputam a alma que deixou a Terra.

Existe aí uma verdade oculta sob um mito ou um simbolismo a ser interpretado.

Eis, creio, a interpretação dessa crença.

O Cristianismo nos ensina, de uma parte, a existência de demônios ou espíritos maus e, de outra, nos diz que todas os nossos

pensamentos, todas as nossas ações nesta vida, estão inscritos no "Grande Livro do Juízo".

Por sua vez o Ocultismo nos ensina que todos os nossos pensamentos, todos os nossos atos, ficam gravados na parte inteligente (corpo mental) do corpo astral já desligado. Neste caso, seriam os monstros os maus pensamentos que, como em um caleidoscópio, desfilam numa visão rápida por ocasião da morte.

O primeiro caso nos mostra que existem no plano astral, na parte mais próxima de nós, seres que viveram no mal ou que ainda não evoluíram pouco que fosse. Esses seres, chumbados ao nosso globo (*) por suas inferioridades, são devorados por um vivo ciúme contra as almas que vêm subir para os planos serenos da espiritualidade e se encarniçam em retê-las, como eles mesmos, nas regiões inferiores, enfim, na atmosfera do mal.

() No cone de sombra, a doutrina oculta nos diz, o que provavelmente significa, com isso, que eles devem ser especialmente temidos à noite.*

É, então, de grande utilidade o auxílio de entidades boas e simpáticas que se comprimem em torno da pobre alma aterrada, a enlaçam, a protegem e a fazem franquiar essa zona de perturbação. Parece, com efeito, que há, assim, segundo experiências feitas com pessoas magnetizadas assim como com indivíduos que tornaram à vida, (*) um instante crítico a passar, do qual o único meio de evitar a angústia é o de ter vivido no bem.

() Por exemplo, os afogados que são chamados de volta à vida até várias horas depois de sua imersão e que receberam os primeiros socorros precisamente no momento em que, na crise suprema, o duplo etérico recorda no corpo.*

Está, na verdade, provado que o homem que, durante a sua vida, evitou, tanto quanto pôde, pensamentos e atos malévolos, não arrastará atrás de si uma malta de espíritos encarniçados em retê-lo na atmosfera da Terra e, de outra parte, não despertará a inveja de

espíritos inferiores e estacionados no mal por seus pecados, por sua falta de energia ou mesmo por sua vontade. Ele terá formado, bem antes do momento supremo, uma guarda, pode-se assim dizer, mais numerosa e mais poderosa de entidades elevadas que, chegado esse momento, o faz franquiar, sob a sua égide e sem óbices, essa passagem crítica, rumo às regiões superiores.

Não nos esquecemos de que o corpo astral, e com ele os elementos superiores do ser, está retido por um laço fluídico ao duplo etéreo que não pode, ele próprio, afastar-se do sarcosoma tornado cadáver.

Esse duplo etéreo, detentor da vida física, levava em si, no momento do desencarne, forças vitais armazenadas pelo fluxo constante vindo do sarcosoma, mas a sua fonte de força principal está esgotada, os órgãos não funcionam mais, o cadáver se desagrega lenta mas seguramente e o duplo etéreo vive uma vida latente, composta, pode-se dizer, de uma multidão de vidas individuais.

Pouco a pouco, porém, essas morrem por sua vez e os seus elementos materiais se dissolvem no ambiente voltando à matéria inorgânica. O duplo etéreo se enfraquece cada vez mais à medida que se tornam menos numerosas as células ainda vivas e, quando a última desaparece, o duplo etéreo morre por sua vez. (*) Desde que ele não mais existe, o laço fluídico, que o une ao corpo astral, não tendo mais razão de ser, se dissolve como cai o cordão umbilical no recém-nascido, e os princípios superiores ficam livres de toda ligação material com a Terra. Resta, porém, romper ainda os laços morais e essa ruptura é ordinariamente bem longa.

() Para algumas escolas ocultistas, o duplo etéreo é apenas o fluido vital que, quando acaba, completamente, no corpo material, esse começa a esfriar e putrefazer-se. É por isso que se pronunciam contra a cremação, porque a saída às vezes não é total e o espírito, pelo apego à vida, ainda se acha unido ao corpo material. (Nota do tradutor)*

Aqui, preciso é dizê-lo, está a parte fraca do presente estudo, mas

não estamos, todavia, desprovidos de provas, pois que, além das indicações dadas por certas pessoas magnetizadas submetidas à regressão da memória, temos as aparições de fantasmas de defuntos, das quais, pelo menos certo número, são irrecusáveis.

É pois, sobre experiências magnéticas e fatos, que vou estabelecer o que se segue. Quando falo de laços morais, não tenho apenas em vista essas paixões baixas, a avareza, por exemplo, que liga o defunto ao seu tesouro, o egoísmo que retém sua vítima aos lugares em que se julga feliz...

Este é em suma o inferno da doutrina católica, eterna como se diz, mas que, na verdade, não existe, porque as almas não são jamais nem precipitadas nem retidas nele. Cada um de nós está, mais ou menos, no seguinte caso:

"Os corpos só são vestes temporárias que as almas devem despir, mas aquelas, que obedecem à matéria nesta vida, formam um corpo interior ou veste fluídica que se torna a sua prisão e o seu suplício depois da morte, até o momento em que venha a se fundir na chama da luz divina onde o seu peso a impede de subir. Lá não chegam senão depois de esforços ingentes e com o auxílio dos justos que lhes estendem a mão. Durante esse tempo, elas são devoradas pela atividade interior do espírito cativo como numa fornalha ardente. As que passaram pela fogueira da expiação, lá as queimam como Hércules no monte Eta e se libertam das suas torturas, mas à maior parte falta coragem diante dessa última prova que lhes parece uma segunda morte mais espantosa do que a primeira." (*)

(*) *Eliphas Levi, Dogme et rituel de la haute magie.*

Mas não são apenas os sentimentos inferiores que nos prendem à Terra; há também os sentimentos elevados, a preocupação de uma obra benemérita à qual consagramos a vida, o amor que levamos daqueles que deixamos atrás de nós, etc.

Tudo isto forma tantos laços morais que nos ligam ainda à vida terrena, como as saudades dos que nos amaram aqui nos chamam de vez em quando, saudades que se elevam para as regiões superiores em que são percebidas sob a forma das vibrações mentais.

E todos esses laços, todas essas ligações morais, estão conservados na parte mais próxima da matéria do corpo astral. Isto dura certo tempo, durante o qual o espírito quase liberto, auxiliado por entidades superiores, retoma a consciência das suas vidas anteriores, vê qual o fim particular assinalado na sua última encarnação, verifica se o atingiu, estabelece, por um débito e crédito, o balanço das suas boas e más ações, busca os meios próprios para fazer frutificar algumas e reparar outras.

Pouco a pouco, porém, as suas obras terrenas têm a sorte de todas as obras da Terra: estão mortas ou foram desviadas de seu fim primordial e ele deixa de se interessar por elas. Pouco a pouco também os que ele conheceu e amou na Terra, por sua vez, suportaram a grande prova. Ele então vai em seu auxílio para facilitar-lhes a passagem para a verdadeira vida e acolhê-los do "outro lado do véu", assim os indiferentes que o conheceram, como os descendentes aos quais se falou do antepassado morto, cuja lembrança vaga ainda o atraía à Terra. O esquecimento agora já se fez para ele e nada mais o atrai ao planeta, a esse mundo que foi sua morada temporária e ele pôde, por sua vez, despojar-se de toda a recordação terrestre, salvo a que fica registrada no seu carma (*). Pôde então subir para o plano espiritual que o atrai; para ele, desde tal momento, a morte se fez completa.(**)

() Conjunto de méritos e deméritos.*

*(**) Tal é o resgate da ambição e da grandeza humanas. O humilde, o modesto, o ignorado é bem mais rapidamente que o poderoso e o ilustrado liberto dos últimos laços terrestres e pode mais depressa seguir sua vida ultraterrena.*

Vimos por esta rápida exposição, que estabeleci após uma série de experiências, que o fenômeno da morte é infinitamente mais complexo do que geralmente cremos, o qual, como definem os léxicos, é apenas a "cessação da vida".

Para não examinar o lado físico da morte, tal como esquematicamente estabeleci no estudo precedente, direi apenas que os fisiologistas são, mais ou menos, os únicos a saber que a morte pode ser parcial (gangrena, etc.) e que, em todos os casos, ela só é completa depois do aniquilamento da última célula ainda viva no cadáver. Vimos, pela exposição anterior, que esse fenômeno, observado deste lado das portas da morte, apresenta complexidades e um processus de que não se suspeita. O fenômeno subjetivo, longe de ter a instantaneidade que se lhe empresta, ordinariamente se estende e prossegue em fases de tempos às vezes consideráveis e o que o vulgo chama morte não é senão uma série de fenômenos secundários que precedem uns aos outros e cujo encadeamento dura séculos.

Nas últimas linhas do estudo anterior, tirei duas conclusões práticas: 1.º evitar a incineração e mesmo o embalsamamento para não fazer o corpo astral suportar inúteis sofrimentos; 2.º estudar, se não praticamente, pelo menos teoricamente, o desdobramento do ser para, no último momento, poupar ao corpo físico dores de uma agonia penosa.

Que conclusões devo tirar agora destas páginas? Uma única que contém todas as outras: o homem que, na sua passagem pela Terra, conduziu sua vida segundo a norma da Moral, da Justiça e do Bem, que praticou o altruísmo e se devotou a um ideal de bondade, de grandeza e de verdades celestiais para o qual dirigiu firmemente cada um de seus passos, esse homem criou, nos planos espirituais superiores, amigos divinos que estarão perto dele na hora inelutável

das aflições e receios!

Talvez surpreenda a algum leitor ver o nascimento estudado após a morte... Um momento de reflexão lhe mostrará a lógica das coisas.

O autor, de fato, escreveu estas páginas com a convicção, a certeza absoluta, obtida experimentalmente, de que a verdadeira vida é aquela que o homem vive nos planos superiores, e que a série de existências no plano físico não é apenas para ele uma série de exílios com a intenção de levar sua evolução ao absoluto da Ciência e do Bem.

Consequentemente, pareceu-lhe conformar-se com esta ideia de começar com o estudo da morte material, que é um verdadeiro renascimento astral, e só depois estudar o nascimento físico, que constitui uma morte temporária no que diz respeito ao plano superior.

No intervalo entre esses dois fenômenos é, portanto, colocada a vida astral que podemos chamar vida póstuma: sob este título, o autor elabora um estudo o mais completo possível, no estado atual da ciência psicofisiológica, das condições de ser do homem entre duas vidas materiais.



LA NAISSANCE D'AMÉNOPHIS III

III

Como se nasce?

De onde vem o homem? De que meio sai a entidade, o espírito inteligente que nasce para a vida terrena? Não devo fazer aqui, a este respeito, considerações que fornecerão matéria para um trabalho que depois executarei. Proponho-me, simplesmente, nestas páginas, estudar o processus da encarnação e estabelecer, com dados positivos, o mecanismo do nascimento. Minhas fontes de informação são iguais às que me serviram para examinar Como se morre: afirmações de sensitivos magnetizados submetidos à experiência de regressão da memória, recordações comuns relatadas por outros sensitivos, adaptação da constituição humana aos fatos, etc.

Já em precedentes estudos, estabeleci, de modo seguro, creio eu, que, durante a vida, o homem está constantemente cercado de entidades astrais que o impelem pelo desejo e pela paixão ou a guiam pela consciência. Concluí que seria insensato acreditar, por um instante sequer, que, na hora suprema, de desencarnar, estivesse

abandonado por essas entidades que o acompanharam durante a vida terrena. Parece-me lógico acrescentar que é entre essas entidades astrais que ele deverá passar o tempo intermediário entre duas vidas sucessivas, pois se é do meio delas que vem quando nasce para a vida terrena.

Como ponto de partida, recordarei rapidamente a constituição do homem, tal qual sobressai das mais recentes experiências que acompanhei com atenção:

1.º - Corpo físico.

2.º- Duplo etéreo, do corpo material, dotado de uma coloração avermelhada e azulada, detentor da vida física, com a forma desse corpo, do qual sai com o fantasma, de que não se afasta jamais, e onde reentra desde que o fantasma dele se afasta.

3.º - Corpo astral, colorido de branco azulado, à base de força nêurica e, por conseguinte, detentor da sensibilidade material; ele tem geralmente a forma do corpo físico mas podendo mudá-la sob o impulso de sua vontade ou de um magnetizador.

4.º - Corpo mental, detentor da inteligência, tendo a forma de uma aura rodeando o corpo inteiro, bastante brilhante principalmente na parte superior, isto é, na parte que envolve o cérebro (bola mental do Dr. Baraduc).

5.º - Corpo causal (*), que não pôde ser ainda isolado: nossos sensitivos magnéticos, mergulhados em estado de vidência, apenas descreveram, quando a magnetização foi levada a fundo, a aparição, acima da bola mental, como uma chama cujo cimo é circunscrito por um halo brilhante e que parece ser o corpo causal, o qual mostra ser detentor das mais altas faculdades da alma: memória, vontade, etc.

() Parece mesmo se desagregar completamente e ser substituído por um novo corpo astral quando o indivíduo passa de um sistema de mundo para um outro, questão complexa que não considero no presente estudo. (Nota do tradutor)*

6.º - Enfim, os elementos superiores do ser, não ainda estudados e

que dominam o espírito. (*)

() O fato de eu usar esses termos do vocabulário teosófico não deve me colocar entre os teosofistas; Sou um modesto pesquisador e um simples experimentador que não pertence a nenhuma escola, ou melhor, tiro de cada um deles o que há de bom neles.*

Agora, estudando o fantasma vivo, é para mim pareceu - seguindo H. Durville que foi o primeiro a usar esses termos em um sentido científico - que os termos espíritas estão faltando, enquanto os sânscritos de ocultismos ainda são muito vagos e mal definidos.

Os termos teosóficos, ao contrário, são muito claros e se aplicam bem ao seu objeto experimentalmente trazido à luz. Mas desejo salientar que o uso desses termos para designar certos elementos do ser humano não implica de forma alguma a admissão, por mim, outros elementos anunciados pela teoria teosófica, como os corpos nirvânicos, paranirvânicos.

Sou um simples experimentador e, enquanto a existência desses outros elementos não me for demonstrada experimentalmente, só poderei ver neles a expressão única de uma teoria, certamente respeitável, pois ainda não é contrariada pelo fatos, mas que não posso admitir como muito aventureiro e ainda não demonstrado.

Resulta, pois, deste conjunto de elementos e das explicações que acompanham cada um deles, que o fantasma, pois não se pode empregar a palavra corpo que dá a impressão de muito material, das entidades do plano espiritual é baseado no corpo astral, visto que, como indiquei no precedente estudo, o duplo etéreo, parte superior e quase imaterial do corpo físico, desaparece pouco tempo depois desse corpo.

A entidade astral compõe-se, pois, do corpo astral, o qual parece que perde no Espaço, depois da morte, a sua parte mais grosseira (*), do corpo mental, do corpo causal e dos elementos superiores do ser.

Como se reencarnam todos esses elementos diversos? Eis o que disse, sobre o mistério da reencarnação, a sensitiva Josephine, desdobrada pelo Coronel de Rochas, por meio do magnetismo,

comunicando o que viu na reencarnação de Joseph Bourdon. (**)

(*) *Les Vies Successives. A. de Rochas.*

(**) *Parece até se desintegrar completamente e ser substituído por um novo corpo astral quando o indivíduo passa de um sistema de mundos para outro. Mas esta é uma questão bastante complexa e que, aliás, nada tem a ver com o presente estudo.*

"As trevas em que se achava mergulhado, rasgadas foram por alguns clarões de luz e ele teve a inspiração de reencarnar num corpo de mulher visto que as mulheres sofrem mais do que os homens e porque tinha de expiar faltas que havia cometido desencaminhando outras mulheres. Aproximou-se então daquela que ia ser mãe e "rodeou-a" até o momento de nascer a criança na qual se integrou pouco a pouco, Até cerca de sete anos, havia ao redor dessa criança como que um nevoeiro flutuante pelo qual via muitas coisas que depois deixou de ver."

Todos os sensitivos magnetizados e desdobrados, ao relatarem, nesse estado, as impressões de suas existências passadas, aproximam-se muito na expressão "estar no escuro", "estar em trevas", que empregam para caracterizar o estado que, para eles, precede imediatamente o nascimento.

Estabeleci, no decorrer de meus precedentes estudos sobre a morte, baseando-me na existência inegável da consciência e dos remorsos, que, como disse antes, todos os indivíduos são acompanhados, durante esta vida, por entidades do Além. Mostrei que seria loucura supor que essas personalidades abandonassem os humanos no instante mesmo em que eles têm mais necessidade de seu auxílio: o momento da morte. Hoje concluo que, depois da morte, esses humanos, desencarnados, vivem entre essas entidades.

É uma teoria, dir-se-á. Seja! É uma teoria - faço aqui tábua rasa dos ensinamentos espíritas para só basear-me na experiência - mas uma teoria fortalecida, de modo singular, pelos relatos de pessoas magnetizadas,

desdobradas, que concordam com os ensinamentos espíritas, dos quais, repito, não quero lançar mão. Esta teoria é muito aceitável, para não dizer muito verídica.

Chegado, portanto, o momento em que termina uma existência espiritual para recomeçar uma nova, terrena, o ser que, por si só ou auxiliado por entidades superiores, estabeleceu o balanço de suas vidas passadas e compreendeu por que e em que progrediu, escolhe, sozinho ou ajudado, a prova terrena que lhe será mais útil. Ele viu o futuro terrestre que o seu passado lhe impõe o seu karma (*), e toma a resolução:

"É essa a vida que eu viverei!"

() Conjunto de méritos e deméritos passados.*

A partir do momento em que a sua resolução é firme, ele se apega a essa vontade como os animais hibernantes à sua toca. Tudo à sua volta se torna vago, confuso; ele se acomoda a um estado sonambúlico no qual só é visitado pelas entidades que devem acompanhá-lo e ampará-lo no seu exílio terreno. A consciência do seu "eu" superior se eclipsa para deixar nascer nele um rudimento de consciência que se tornará, depois de desenvolvida, no seu "eu" da vida. E, quando mais tarde, sua consciência verdadeira, original e primordial, tiver sobressaltos de reminiscências, ou de previsões, não a compreenderá e a chamará de subconsciência.

Tal é o período de escuridão e trevas que antecipa o nascimento terrestre, de que falam todos os sensitivos magnetizados nos quais se provocou o fenômeno de regressão da memória.

Ora, durante esse tempo, que se passou na Terra?

Um homem e uma mulher se uniram, obedecendo ao impulso produzido por sua mocidade. O amor fez a sua obra e um óvulo foi fecundado. Que acontece então?

Não descreverei os fenômenos fisiológicos que podem ser

encontrados em obras técnicas. Encerrando-me no objeto deste estudo, direi apenas que parece isto: o pai dando a vida e, no fantasma exteriorizado, a vida física sendo detida no duplo etéreo, o duplo etéreo parece bem emanar do pai. Ao contrário, a mãe, tendo fornecido o óvulo e dando, durante todo o curso da gestação, a sua própria substância de que se nutre o feto, é à mãe que se pode ligar a origem do sarcosoma ou corpo físico. Ambos, o corpo físico e o duplo etéreo se desenvolvem paralelamente: o primeiro pela substância que lhe vem da mãe, e o segundo pelos elementos ainda rudimentares e imprecisos que lança no feto em formação. Em uma, palavra, nesse período, um e outro se acham num estado igual de inanidade e fraqueza.

Parece-nos certo que o corpo material e o duplo etéreo se desenvolvem juntos durante esse estágio e eis em qual motivo baseio minha afirmação.

Nas experiências de regressão da memória, é sobre o duplo etéreo que se age magneticamente: esse duplo fica cada vez menor à medida que se faz remontar à infância.

Ora, quando é situado nos últimos tempos de sua vida uterina, ele toma, e o sensitivo o imita, a posição característica: os membros inferiores e superiores juntam-se sob o queixo, o pescoço encurva-se, etc. À medida que ele vai regressando aos primeiros tempos, vai tomando uma posição cada vez mais alongada e se detém como o germe que não suportou ainda a compreensão uterina. E essa mudança de posição foi fornecida por sensitivos sem instrução e que certamente o ignoravam no seu estado normal. Como, nesse, não se tem a haver senão com a memória própria do corpo etéreo, lógico é concluir daí que ele se recorda e que, por conseqüência, seguiu todo o período de desenvolvimento fetal, logo existia mesmo no dia da fecundação.

Em tal momento, entretanto, a entidade que deve encarnar-se está ainda fora da mãe. Que se passa?

A entidade está perto da mãe. Foi ela conduzida ali? Foi por si mesma? Isso não o sabemos, mas do que estamos certos é que, até o fim da gestação, se mantém no ambiente da mãe, que ela a envolve, segundo o termo invariável de todos os sensitivos magnéticos que a situa nesse período de sua existência.

Em que momento começa a tomar posse do organismo, ainda em formação e que deverá ser o seu? Para responder a esta pergunta, basta ater-se simplesmente aos fatos, considerando essa propriedade capital do corpo astral que é de deter em si a sensibilidade.

Nos primeiros momentos da vida uterina, que é o sistema nervoso do embrião? É embrionário ele próprio, num período, não direi já de desenvolvimento, mas muito simplesmente de formação. Ele começa por um simples germe de fio nervoso que se estenderá, que lançará, à esquerda e à direita, ramificações cada vez mais extensas e mais vastas para tornar-se, enfim, o sistema completo como existe no ser humano que entra na vida terrena. No decorrer, porém, desse desenvolvimento, a sensibilidade não tem motivo algum para exercer-se, e não se pode também dizer que ela é radicalmente nula, visto que os nervos existem, mas se pode afirmar que, nada havendo na ambiência que a possa despertar, está em estado latente - nada mais.

O embrião, porém, se desenvolve, torna-se feto e continua sua formação; opera-se então um trabalho especial: exerce-se sobre ele, de modo progressivo, a compressão das partes uterinas e abdominais da mãe. É preciso que o feto sinta dolorosamente essa compressão senão ficaria inerte, não faria esforço algum para libertar-se e provocaria a morte da futura mãe. É, portanto, muito

provável pelo sétimo mês da gestação que a entidade, que está para encarnar-se e que até então "rodeava" a mãe, penetre no ser fetal para comunicar-lhe a sensibilidade necessária. Essa penetração, segundo toda a aparência, opera-se por um modo de endosse muito compreensível, pois que há, simplesmente, passagem, através dos tecidos maternos, dessa parte do corpo astral que, por ser de essência muito aproximada da matéria, é mais fluídica ainda do que o duplo etéreo. Para concretizar o fato com uma expressão breve, diremos que havia até então justaposição (o corpo astral da criança "cingindo" o corpo físico da mãe) e depois intussuscepção.

Dotado, desde então, de sensibilidade, o feto sofre cada vez mais na sua prisão de carne e, instintivamente, faz esforços para evadir-se; são esses esforços, dia a dia mais pronunciados, que, juntos aos esforços de expulsão feitos pelos músculos do útero da mãe, provocam finalmente o nascimento. O pequeno e frágil organismo faz então sua primeira inspiração que introduz nele todos os elementos superiores do corpo astral. Até então era ele apenas uma máquina de carne.

Nesse primeiro período de vida física, a existência física do recém-nascido se limita a sensações puramente animais: sente-se bem ou sente-se mal. No primeiro caso, sua impressão traduz-se pelo sono ou pelo engordar; no segundo, por gritos ou emagrecimento, mas não está ainda de posse da centelha divina: o pensamento, que vem mais tarde.

Uma espécie de comunhão existe, portanto, nesses primeiros tempos de vida uterina, entre o espírito que acaba de revestir um corpo terrestre e o plano superior que acaba de deixar. Há ainda troca de idéias entre o recém-vindo à Terra e seus afins do plano espiritual que acabou de deixar, os quais prometem não abandoná-lo durante a via dolorosa na qual dá início para regressar mais tarde,

mais depurado, evoluído e mais próximo do Absoluto.

Sobre tão importante assunto Papus diz o seguinte na sua obra "A Reencarnação".

((1) La Réincarnation, un vol. in-12, Paris, s. d. (1912).

"Assim, essa alma nasceu no mundo das formas e das provas e nele se desenvolverá".

Seu elemento era o fluido celestial, a luz interior do Universo, o éter, o interior e o exterior da substância cosmogônica.

Ei-la no inverso, fora de seu elemento, em plena escuridão da carne. Já não vê seu corpo celeste; parece que o perdeu como perdeu a ciência, a consciência, a vida real. Sua inteligência fecha-se, já não tem a clarividência direta. Seu entendimento embruteceu, sua sensibilidade psíquica é muito restrita em todos os sentidos.

Entre ela e o Universo interpôs-se um terrível obstáculo, qualquer coisa de obscura e limitada, obtusa, espessa e morna, estranha composição que ruge e freme, cortina sábia e artisticamente tecida, dobrada sobre si mesmo e sobre ela, da qual todas as contexturas animadas, imagens do universo, em comunhão rigorosa com ela, figuras das faculdades da alma, em conjunção substancial e específica com ela, enlaçam e entrelaçam-na nos tortuosos meandros dos órgãos e das vísceras: é o corpo físico.

Nos primeiros dias, apenas o corpo astral anima a frágil criaturinha e somente depois, lenta e progressivamente, é que o corpo mental, até então livre e em comunicação com as esferas espirituais, estabelece o domicílio nessa flor de carne, onde vai exteriorizar, por meio das células cerebrais, as vibrações que são a manifestação da inteligência.

Pouco a pouco, com efeito, o pensamento terrestre - reflexo do outro - faz a sua aparição e depois sua educação no bebê. Limitado, no começo, às relações materiais, vê pouco a pouco estender-se, ao

seu redor, o campo de suas investigações até ao momento em que, estando o corpo mental completamente encarnado, será com o corpo causal levando consigo o germe das mais altas faculdades, ao mesmo tempo que os princípios superiores do ser, ainda ignorados em nossa grosseira análise, que começarão a depositar, na criança em crescimento, a semente das grandes idéias do futuro.

Essa bruma é constituída de fluidos astrais por onde a criança vê seus amigos do Além, aqueles que hão de acompanhá-la e guiá-la na Terra e que, aguardando a hora das árduas tarefas, a encorajam e confortam... e as crianças, sorrindo a esses rostos amigos, riem como os anjos.

No primeiro período da existência pueril, essas comunicações são contínuas. Então a criança é, poder-se-ia dizer, anfíbia, pois seu corpo vive a vida animal na matéria e sua alma vive espiritualmente no plano astral. Progressivamente, porém, a invasão da região cerebral do sarcosoma pelo corpo mental lhe restringe o campo dessas visões maravilhosas que terminam para se repetirem somente durante o sono, nos sonhos. Oh! os sonhos dos pequeninos! Qual o pensador, o filósofo, qual, mais simplesmente, o homem sensível e cheio de bondade que não tenha exclamado: "Como é difícil penetrar nos sonhos das crianças!"

Até então, isto é, até aos sete anos aproximadamente, quando se completa a encarnação do corpo mental, a criança tem freqüentes distrações, ausências, brinca com os anjos, dizem as comadres com mais verdade do que pensam. Não nos esqueçamos, efetivamente, de que até aos sete anos os indivíduos magnetizados, nos quais se procedeu a regressão da memória, declaram que "seu corpo está cercado de uma camada brumosa flutuante na qual vê muitas coisas que não voltará a ver posteriormente".

Quando, porém, ela chega aos sete anos... adeus, adeus sonhos

dourados, sonhos sedutores. Efetua-se, então, a encarnação do corpo causal e das mais elevadas faculdades da alma e a criança deixa de ser uma criatura ainda astral para tornar-se apenas uma exilada na matéria. Esquece, então, os sonhos maravilhosos que não a visitam mais, como já se esqueceu dos "paraísos inefáveis" dos quais foi momentaneamente desterrada: a memória pessoal, criada pela vida terrena, obscureceu nela a memória real de seu ser; a lembrança da Terra substituiu, em seu espírito, o lugar da lembrança astral: o eu ínfimo e terrestre substituiu o eu radioso dos espaços maravilhosos...

Vai, criaturinha, segue o caminho que está traçado para tua prova atual. Caminha para o futuro que deve depurar-te e auxiliar-te a galgar mais um degrau da escada mística dos seres - a escada que Jacó viu outrora; esse futuro é, para a tua alma, a dor, a humilhação, a miséria, o crime, talvez... Mas vai, segue teu caminho de provações! Nas horas de desânimo que te esperam, terás relâmpagos de luz viva que te recordarão os esplendores dos sonhos de criança e que refletem magnificências astrais e talvez a voz de um amigo do Além se fará ouvir na tua consciência a murmurar-te: "Vai, carrega o teu fardo e leva-o corajosamente até ao seu término! Estas perspectivas sublimes que acabo de dar-te a perceber não são um mito, Tu não passas de uma exilada momentânea e tornarás a vê-las e revê-las um dia, desde que, nas ásperas lutas da Terra, saibas ser o que ama e não o que odeia, o que chora e não o que canta, o que ora e não o que ameaça, o que consola e não o que aflige, o que conforta e não o que acabrunha, a vítima, talvez, e nunca o algoz!"

MM. Hector et Henri DURVILLE, Éditeurs
 23, rue Saint-Merri, Paris (IV^e)

ÉDITIONS :

Sciences psychiques
Médecine usuelle
 == *Naturisme* ==

OCCASIONS :

Sciences psychiques
 == *Sociétés secrètes* ==
Religions anciennes

Extrait de notre catalogue général
 (Dernières nouveautés)

